

Projeto Sempre Savassi: design e artesanato urbano

Always Savassi: design and urban crafts

Ribeiro, Juliana Pontes; Mestre em Comunicação Social; Universidade FUMEC
jsanglard@hotmail.com

Macieira, Cássia; Mestre em Artes Visuais; Universidade FUMEC
cassiamacieira@hotmail.com

Rena, Natacha; Doutora em Comunicação e Semiótica; Universidade FUMEC
natacharena@gmail.com

Resumo

O projeto de capacitação Sempre Savassi Artesanato Urbano apresentado neste artigo constitui uma ação de responsabilidade social, pois proporciona a qualificação de grupos de artesãos em estado de vulnerabilidade social e a inserção dos seus produtos em lojas de uma região comercial nobre da cidade de Belo Horizonte. Os artesãos formaram novos grupos de criação, além de aprenderem novas técnicas e conhecerem novos materiais a partir da troca de experiências propiciada pelas oficinas elaboradas ao longo do projeto. Surgiram produtos inventivos e complexos, resultado de um trabalho coletivo, onde o artesão amplia seu repertório pessoal e constrói sua subjetividade criativa a partir do contato com o outro.

Palavras-chaves: Artesanato, Design e Responsabilidade Social.

Abstract

The project "Always Savassi: Design and Urban Craftwork" presented in this paper constitutes itself as an action of social responsibility; it consists in capacitating craftworkers in condition of social vulnerability to work with design and craftwork, aiming at developing a mixed number of products for commercialization in a prosperous region of the city of Belo Horizonte. The craftworkers have formed new creative groups, in addition to having learned new techniques and got to know new materials from the exchange of experiences provided by the workshops elaborated throughout the project. New intricate and inventive products emerged as a result of a collective work, where the craftworker broadens his personal repertoire and builds his own creative subjectivity from the contact with the other.

Keywords: *Craft, Design and social responsibility.*

Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

O Projeto

O resgate cultural da região da Savassi e a conseqüente requalificação com intenções em transformá-la em um centro comercial diferenciado, com locais propícios para encontros sociais e culturais, é o objetivo principal do Projeto Sempre Savassi. A iniciativa para desenvolver este projeto piloto, que pudesse ser implementado posteriormente em outras regiões de Belo Horizonte, partiu do Clube de Diretores Lojistas (CDL) e propõe: ações culturais, intervenções urbanísticas (arquitetônicas e paisagísticas), assim como ações sociais que possam colaborar com a melhoria de renda dos grupos menos favorecidos socialmente - artesãos participantes de projetos de Economia Solidária da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Esta proposta de ação social acabou por se materializar no projeto Sempre Savassi: Design e Artesanato Urbano, a partir da atuação conjunta de três instituições: FUMEC, SEBRAE e CDL. A primeira é responsável pela capacitação em design, no intuito de desenvolver um mix de produtos para comercialização na região da Savassi; a segunda, pela consultoria comportamental, gestão comercial dos produtos artesanais criados e fomento ao associativismo; e a terceira, pela coordenação do projeto como um todo e também pela implementação do relacionamento comercial entre lojistas e artesãos. Portanto, a intenção principal do deste projeto é fomentar o artesanato de forma integrada, enquanto setor econômico sustentável, promovendo a melhoria da qualidade de vida e ampliando a geração de renda de uma parte dos excluídos da sociedade.

Por envolver três instituições e mais de dez grupos de artesãos, o trabalho demonstrou, desde o princípio, possuir uma grande complexidade no entrelaçamento dos seus campos de ação, o que exigiu um aumento significativo no prazo inicial de realização previsto, passando de seis meses para um ano. Além dos resultados acadêmicos, que envolvem produção de conhecimento e aperfeiçoamento do plano pedagógico para o treinamento específico de artesãos em design, materializa-se agora os resultados práticos de inserção destes produtos no mercado e de consolidação do conceito de artesanato urbano. Os principais instrumentos de ação para a realização destes propósitos finais são a Exposição de lançamento dos produtos artesanais desenvolvidos e a produção deste Catálogo contendo registros de todo o processo de trabalho (conceito, metodologia capacitação, criação e finalização dos produtos artesanais) da coleção Sempre Savassi: Design e Artesanato Urbano.

O Caráter Social

A questão social também deve ser destacada aqui como fator de vital importância pois reflete a natureza deste projeto. A requalificação da Savassi, meta fundamental do Sempre Savassi, depende de planejamento urbano, recuperação arquitetônica, de projetos culturais, mas também, de uma ação social que recupere espaços vitais de inclusão econômica, reforçando as oportunidades de mercado a partir da valorização do trabalho feito à mão. O valor e resultado dessa ação não se limitam somente à região da Savassi pois abre-se um canal, espera-se definitivo, de relacionamento entre estes lojistas e grupos de artesãos de várias regionais de Belo Horizonte, além da formação de novos grupos de trabalho. A Savassi, que já foi vanguarda na moda e entretenimento, tenta hoje explicitar uma relação com a cultura local e com a valorização das questões humanas. As ações de inserção econômica e promoção do ambiente urbano como espaço de convivência e encontro permitem que produtos artesanais possam ativar processos de reconhecimento de um novo olhar sobre a cidade. O projeto Sempre Savassi supõe que, a partir da construção de produtos desenvolvidos por artesãos urbanos, com suas referências estéticas situadas na região da Savassi, possa auxiliar na reconstrução de uma nova identidade local: menos idealista, pura e saudosista além de mais real, híbrida e mestiça.

“Não se produz só na fábrica, não se cria só na arte, não se resiste só na política. Assistimos ao fim dos suportes em vários domínios, mas também das esferas em que eles ganhavam sentido. As artes plásticas extrapolam seus suportes tradicionais tais como a pintura e a escultura (mas também desbordaram o espaço do museu e o circuito da própria arte), a política extrapolou o suporte tradicional do partido, do sindicato, do próprio parlamento (em suma, do espaço da representação), a produção extrapolou os limites da fábrica, e mesmo da empresa, migrando para uma esfera coextensiva à vitalidade social, e a subjetividade extrapolou seu suporte egóico e identitário.” (PELBART, 2003:113)

Não se faz artesanato só pela tradição ou pelas determinações materiais e culturais do lugar. É, também, no ambiente de culturas híbridas, na invenção propiciada pelo encontro de homens comuns pertencentes a grupos heterogêneos, num projeto que pretende ampliar o repertório de produtos artesanais para os limites da arte e do design, a partir do desenvolvimento de novas metodologias para incentivar a criação de um artesanato urbano singular e tomando a cidade como laboratório vivo de pesquisa, que se espera como resultado deste projeto um mix de produtos inovadores, agregados de identidades provindas de um somatório difuso de informação. Busca-se aqui, a criação de um artesanato urbano coletivo, solidário, presente nas fronteiras da arte e do design.

O Conceito

Além do caráter de ação social já destacado, este projeto, como atividade de extensão universitária, tem também a função de incentivar um debate acadêmico acerca dos limites entre arte, design e artesanato. Esta discussão não objetiva traçar novos conceitos para essas áreas da cultura, mas sim ampliar os limites impostos por categorizações pré-estabelecidas. Constatamos em nossa experiência que as fronteiras existentes entre tais categorias são fluidas, gerando espaços de intersecção extremamente ricos que, a princípio, não devem ser rotulados em categorias exclusivas para evitar uma redução do seu valor para o campo da cultura.

“Seria possível avançar mais no conhecimento da cultura e do popular se abandonasse a preocupação sanitária em distinguir o que teriam a arte e o artesanato de puro e não contaminado e se os estudássemos a partir das incertezas que provocam seus cruzamentos. Assim como a análise das artes cultas requer livrar-se da pretensão de autonomia absoluta do campo e dos objetos, o exame das culturas populares exige desfazer-se da suposição de que seu espaço próprio são comunidades indígenas autossuficientes, isoladas dos agentes modernos que hoje constituem tanto quanto suas tradições: as indústrias culturais, o turismo, as relações econômicas e políticas com o mercado nacional e transnacional de bens simbólicos.” (CANCLINI, 1998: 245)

Existe um fator em comum entre esses campos da produção cultural, realçado no desenvolvimento deste projeto, que é a dimensão estética. Em um artigo publicado no boletim da ADG (Associação dos designers gráficos) em 1999, Agnaldo Farias já reforçava a importância do reconhecimento deste viés comum entre design e arte como uma necessidade para o avanço cultural da atualidade, apontando que rótulos ou limites traçados pela funcionalidade do objeto não anulam a sua intervenção na cultura como fonte de renovação da experiência estética cotidiana:

“Atenção! A chave aqui é o avanço da produção cultural. Retomam-se exposições de design gráfico porque é anacrônico prosseguir mantendo a oposição entre arte e

design (...) desde que Marcel Duchamp realizou o primeiro ready made, ficou patente que um dos aspectos basilares da produção artística era o questionamento de suas fronteiras. Vale dizer que muito do que hoje se faz em nome da arte é contra as compreensões correntes do que seja arte. Vai daí que discutir se design gráfico é arte ou não é perder-se em uma falsa questão. Discute-se a pertinência de um rótulo e, em contra-partida, perde-se de vista a densidade da dimensão estética de um determinado produto, uma dimensão que jamais poderá ser reduzida às demandas funcionais, sob pena de perder o seu interesse no âmbito da cultura.” (FARIAS, 1999:29)

Além da dimensão estética estabelecer-se como ponto fundamental de diálogo entre essas áreas – arte, design e artesanato – existem em comum entre elas as etapas do processo criativo, destacando-se de imediato a concepção conceitual das peças criadas. No projeto Sempre Savassi o conceito geral surgiu a partir da própria demanda que envolvia o resgate da identidade cultural da Savassi. O que há de novo neste olhar é a recuperação da vitalidade criativa do artesanato através desse contato artesão-ambiente urbano, o que leva a uma fuga forçada da repetição de formas tradicionais da atividade artesanal. Pretende-se inserir este trabalho artesanal num contexto de produção cultural onde há uma ampliação das definições de artesanato. Seria preciso diferenciarmos o artesanato regional, de raízes tradicionais e familiares, do artesanato urbano, produto de influências estéticas e tendências de naturezas mais variadas.

O artesanato regional possui algumas características marcantes e particulares que, de fato, são determinantes para a sua importância cultural e social, e entre elas está a reprodução de formas oriundas da herança tradicional. Aqui existe valor na repetição justamente porque o que se reproduz são as memórias familiares e culturais de uma comunidade, representando a manutenção da tradição e de valores éticos e sociais. Esse tipo de artesanato reforça os laços comunitários e mantém viva a identidade cultural de um grupo, demarcando espaços sociais e geográficos. Neste caso, a relação com o território propriamente dito, ou seja, o espaço geográfico da produção artesanal, atua como determinante na escolha dos instrumentos de trabalho e das matérias-primas. O que vemos neste tipo de produção artesanal é uma relação econômica estabelecida a partir da cultura e da natureza locais. Esta criação tradicional repete formas para recontar histórias de uma determinada cultura e atua reafirmando os laços entre os seus integrantes.

No caso do Sempre Savassi não existem estas características regionais já que se desenvolve no ambiente urbano metropolitano. Encontra-se aqui, portanto, uma aproximação entre o conceito utilizado no nosso projeto de artesanato urbano e a categoria de Artesanato Conceitual, criada pelo SEBRAE para o Termo de referência do PSA - Programa Nacional de Artesanato. Este artesanato teria um grande valor agregado, atingindo altos preços no mercado nacional, além de serem os prediletos no mercado de exportação. Este artesanato conceitual se resumiria, segundo o SEBRAE, a objetos produzidos por pessoas geralmente de origem urbana, resultante de um projeto deliberado de afirmação de um estilo de vida ou afinidade cultural. A inovação seria o elemento principal que distinguiria este artesanato das demais categorias. Por detrás destes produtos existe sempre uma proposta, uma afirmação sobre estilos de vida e valores, muitas vezes explícitos através dos sistemas de promoção utilizados. No Sempre Savassi esta característica singular do artesanato conceitual é dada pelo contato com o ambiente urbano e reforçada pelo o fato da Savassi ser o tema geral do projeto, o que nos leva a denominar o produto desenvolvido pelo grupo de artesanato urbano.

Diferente do artesanato regional e tradicional, o artesanato urbano, mais conceitual e menos intuitivo, não se refere diretamente a uma comunidade regional específica, com afinidades em suas origens culturais ou laços familiares. Suas referências culturais são as mais diversas, conformando uma identidade mestiça: um emaranhado múltiplo de influências, característica evidente da sociedade

urbana e tecnológica contemporânea. Poderíamos observar que “(...) nas novas gerações, os cruzamentos culturais incluem uma reestruturação radical dos vínculos entre o tradicional e o moderno, o popular e o culto, o local e o estrangeiro” (CANCLINI, 1998:241). Segundo Canclini, bastaria que prestássemos atenção ao crescente lugar que imagens da arte contemporânea e da publicidade têm tomado em desenhos de produtos artesanais para compreendermos parte deste fenômeno de mestiçagem cultural presente no artesanato brasileiro.

A riqueza paradoxal deste artesanato urbano o insere no campo das culturas híbridas apontado por Canclini ao pensar de forma mais genérica a produção artística, artesanal ou popular nos países da América Latina. Estes países latinos seriam, segundo o autor, pátrias do pastiche e do bricolagem, onde se encontram, há séculos, muitas épocas e estéticas pós-modernas.

“Nem o ‘paradigma’ da imitação, nem o da originalidade, nem a ‘teoria’ que atribui tudo à dependência, nem a que preguiçosamente nos quer explicar pelo ‘real maravilhoso’ ou pelo surrealismo latino-americano, conseguem dar conta de nossas culturas híbridas” (CANCLINI, 1998: 24).

Mas, se no próprio universo amplo da produção artesanal brasileira tradicional já encontramos uma gama de produtos diferenciados formando um conjunto rico de produtos característicos de lugares e comunidades, em projetos que partem de grupos urbanos heterogêneos, como é o caso do Sempre Savassi, assiste-se a uma profusão criativa de estéticas onde o novo aparece exatamente onde não há pureza da tradição. Materiais, técnicas e novos temas potencializam a produção de um artesanato rico e coerente com os costumes e hábitos da sociedade contemporânea.

“O incremento do artesanato em países industrializados revela que o progresso econômico moderno não implica eliminar as forças produtivas que não servem diretamente para a sua expansão se essas forças tornam coeso um setor numeroso e ainda satisfazem necessidades setoriais ou as de reprodução equilibrada do sistema. Ao contrário e de forma suplementar, a reprodução das tradições não exige fechar-se à modernização.” (CANCLINI, 1998: 238)

Isto nos ajudaria a pensar a produção do artesanato urbano como presente no campo expandido do artesanato, produto cultural das metrópoles atuais: entre a arte contemporânea, o design de produtos, de moda, de interiores ou gráfico; entre a arte popular e a tradicional; entre técnicas diversificadas que aglutinam conhecimentos advindos de tradições distintas.

“Examinamos as culturas híbridas geradas ou promovidas pelas novas tecnologias comunicacionais, pela reorganização do público e do privado no espaço urbano e pela desterritorialização dos processos simbólicos.” (CANCLINI, 1998:29)

Tendo em vista este quadro, onde residiria então o valor estético desses produtos artesanais que já não refletem mais nossas tradicionais raízes? Falamos agora de grupos de artesãos que se reúnem em torno de uma atividade comum, aproximados não por laços sanguíneos ou comunitários, mas por necessidade de formalização e ampliação da sua atividade produtiva, busca de suporte técnico e infra-estrutura para o desenvolvimento de um trabalho rentável. Os grupos de artesãos participantes deste projeto muitas vezes têm uma ligação específica com alguma região da cidade ou com alguma questão social compartilhada, mas não há no trabalho de nenhum deles a herança da tradição, seja ela familiar ou comunitária. O que forma e mantém unidos esses grupos são antes questões econômicas ou problemas de exclusão social. Aliás, muitos desses artesãos surgiram a partir de planos de Economia Solidária da prefeitura de Belo Horizonte ou da iniciativa de algumas instituições que

desenvolvem projetos de ação social, formando grupos de trabalho, associações e cooperativas que vivem do artesanato.

“A transnacionalização da cultura efetuada pelas tecnologias comunicacionais, seu alcance e eficácia, são mais bem apreciados como parte da recomposição das culturas urbanas, ao lado das migrações e do turismo de massa que enfraquecem as fronteiras nacionais e redefinem os conceitos de nação, povo e identidade.” (CANCLINI, 1998: 30)

Se no artesanato urbano a busca por formas tradicionais não é mais a força motriz, nos deparamos com uma nova possibilidade: a liberdade temática e a autonomia de representação. Não existem, neste caso, vínculos representacionais com temas da história tradicional do grupo, com formas padronizadas, com vivências familiares ou com alguma herança cultural. A relação temática vem agora de uma demanda externa ao grupo, de pessoas comuns e da própria cidade com suas questões atuais constituindo a base para a concepção estética e funcional dos objetos inventados, que no caso do projeto Sempre Savassi, acontece de forma coletiva e colaborativa. Artesãos formam novos grupos de criação além de acrescentarem novas técnicas e materiais a partir da troca de experiências propiciada pelas oficinas elaboradas ao longo do projeto. Vemos surgir produtos inventivos e complexos, resultado de um trabalho coletivo onde o artesão amplia seu repertório pessoal e constrói sua subjetividade criativa a partir do contato com o outro.

“A própria invenção é um acontecimento jubiloso, uma combinação singular, encontro, hibridação, novo agenciamento das relações entre forças, rearranjo. A invenção é uma pequena diferença introduzida no mundo (...) inventar é uma grande alegria. A alegria da invenção tem que ver com novas formas de cooperação que ela enseja. (...) A alegria tem que ver com agir conjuntamente.” (PELBART, 2003:113)

O ambiente urbano contemporâneo com sua diversidade de informações, tipos humanos, hábitos e referências visuais passa a ser explorado como fonte de estruturas gráficas, formatos, cores e materiais. Assim como no processo criativo em arte e design, conceitos são formulados a partir desse corpus vivo da cidade, sendo estes conceitos os norteadores do processo de criação do artesão. Surgem conceitos que muitas vezes tentam resgatar elementos de uma identidade que já foi, um dia, reconhecida e sólida, ao mesmo tempo em que constroem um novo código de reconhecimento para essa fatia urbana culturalmente complexa. Partes de edifícios neoclássicos da Praça da Liberdade, pisos em ladrilhos, grafites, stickers, vegetação, postes, bueiros, grades, tribos de jovens, tatuagens, e mais uma infinita profusão de informação cotidiana do ambiente urbano, se entrelaçando à experiência pessoal de cada artesão, às trocas do grupo, juntamente às orientações das designers e ao repertório apresentado por estas, acaba por construir um leque de produtos inusitados e com características muito singulares.

“Produzir o novo é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum.” (PELBART, 2003:23)

A Metodologia e o Processo Criativo

O trabalho de capacitação em design, realizado pelas professoras da FUMEC - Cássia Macieira, Juliana Pontes e Natacha Rena – incluiu uma série de ações fundamentais para a construção do ambiente criativo necessário aos artesãos. A princípio foi realizado um diagnóstico do espaço urbano tema do projeto – a região da Savassi – através de visitas de campo com o grupo de artesãos com o propósito de identificação e registro imagético das configurações estéticas formadas pelo conjunto arquitetônico, vegetação urbana, aparatos e mobiliários urbanos, grafismos e intervenções visuais nas ruas, fachadas e sinalizações. As visitas, sempre monitoradas pelas designers responsáveis pela capacitação, resultaram em uma produção de 400 imagens fotográficas e inúmeros desenhos e anotações que geraram, mais tarde, a base para as estampas e grafismos dos produtos finais.



Figura 1: Primeira visita do grupo à Praça da Liberdade

Outra ação importante para a capacitação foi a apresentação de aulas teóricas de fundamentos de arte e design, iniciadas com a prof^a convidada Celina Borges contextualizando a temática do projeto a partir da história da formação da identidade cultural da Savassi. A partir deste marco inicial seguiram-se discussões do texto *A invenção do cotidiano*, de Michel de Certeau, com exemplos práticos do trabalho dos Irmãos Campana, arquitetura low tech e Lina Bo Bardi apresentados pela professora convidada Josana Matedi. Mesclando teoria e prática, as coordenadoras do projeto de capacitação – Cássia Macieira, Juliana Pontes e Natacha Rena - ministraram aulas de elementos visuais e composição gráfica; o olhar como forma diferenciada de percepção; história da arte do cubismo à arte contemporânea; teoria da cor; tendências no design; serigrafia; design vernacular; design tipográfico contemporâneo e arte urbana.

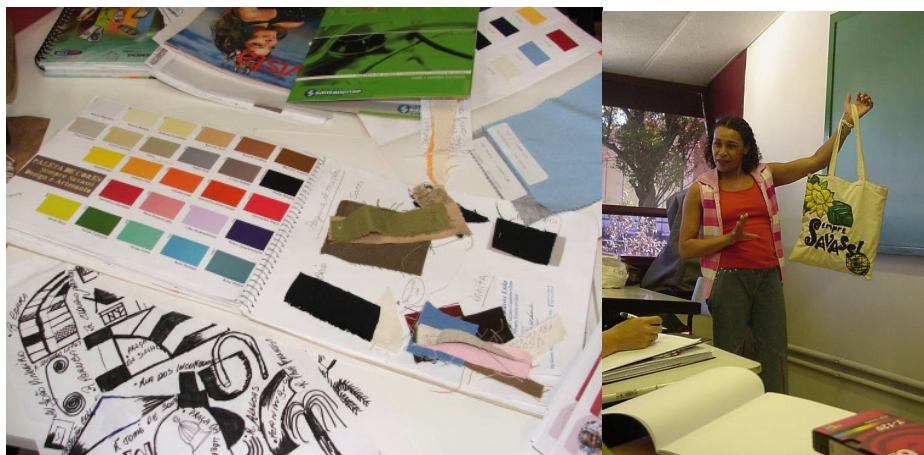


Figura 2: Artesã apresentando trabalho e ao lado processos criativos

Paralela à intervenção teórica, foi de extrema importância a apresentação de peças de design contemporâneo e produtos culturais diversos com o intuito de formação de um novo repertório visual para os artesãos. Foram exibidos 37 filmes, entre documentários e longa-metragens, que abordavam questões da arte e da cultura do século XX, além de peças de design e artesanato em afinidade com o nosso conceito. Além disso, as aulas teóricas foram sempre fundamentadas em apresentações de imagens ilustrativas dos conteúdos dados para gerar essa nova bagagem de cultura visual, tão necessária para a compreensão da estética e dos processos criativos contemporâneos. A formação deste novo repertório também incluiu uma visita orientada à tapeçaria Marie Camille, onde o grupo viu técnicas, materiais e estilos diversos de tear, e o comparecimento na palestra “Novas Tendências na Moda e sua Interdisciplinaridade”, ministrada pela Prof.^a Carla Mendonça e Prof. Bruno Loureiro, realizada no Pátio Savassi.



Figura 3: Oficina de Serigrafia

As oficinas técnicas (serigrafia, arte gráfica, texturas e materiais, colagens, bordado e estruturas espaciais) deram suporte para o desenvolvimento do mix de produtos, arrematando os conteúdos lecionados com a possibilidade de uma prática direcionada para o projeto e desenvolvida em condições técnicas extremamente adequadas de infra-estrutura, equipamentos e materiais. O acompanhamento intensivo de todo o processo criativo e da finalização dos produtos foi determinante para a concretização do propósito da coleção e para garantir a aplicação do conceito e dos referenciais estéticos propostos. O processo criativo em si iniciou-se no mês de fevereiro de 2006, estendendo-se pelos meses de março e abril, sendo este último já focado para a finalização e acabamento. O

processo, no início, acontecia por meio de orientações coletivas, onde cada artesão apresentava sua idéia, esboço ou protótipo para o grupo e as orientações das designers eram compartilhadas por todos, em espaço aberto para discussão das questões comuns dos artesãos participantes. À medida que os projetos foram se definindo e as dúvidas tornando-se cada vez mais particularizadas de acordo com as dificuldades específicas de cada produto, as orientações se individualizaram, mantendo a participação conjunta das designers em todas as intervenções e direcionamentos.



Figura 2: Artesã mostrando seu caderno de processos

A partir de demandas originadas no decorrer desse processo de capacitação e elaboração do mix de produtos, surgiram temas vitais para o desenvolvimento de determinados processos criativos e produtivos. A organização de um ciclo de palestra com profissionais de diversas áreas (ecologia, arte, cultura, urbanismo, design, arquitetura, etc) foi também um importante referencial para apontar direções e definir coleções. Para abordar estes temas com precisão, alguns convidados especializados nas áreas apontadas participaram do projeto com intervenções teóricas, atividades práticas e, algumas vezes, com acompanhamento da criação. Em ecologia o ecólogo e Prof. Sérgio Pontes apresentou uma análise da vegetação, tipo de arborização e floração existentes na região da Savassi, com o objetivo de mostrar a importância estética e ambiental do verde no espaço urbano. A jornalista de moda e Prof^a Carla Mendonça trabalhou o tema moda e comportamento, analisando experiências contemporâneas em design e cultura que se apropriam do espaço urbano como referência estética e conceitual. A partir da arquitetura e design de produtos o arquiteto e Prof. Igor Rios repassou para o grupo uma metodologia para design de produtos, que envolve desde a etapa do briefing até a produção, exemplificando com estudos de casos já realizados com sucesso. Por fim, a Prof^a Tailze Melo acompanhou o processo de produção de textos, apresentando os tipos de textos e suas características, visando resgatar o tema Identidade Cultural de Savassi nos escritos e inscrições dos artesãos nos produtos.



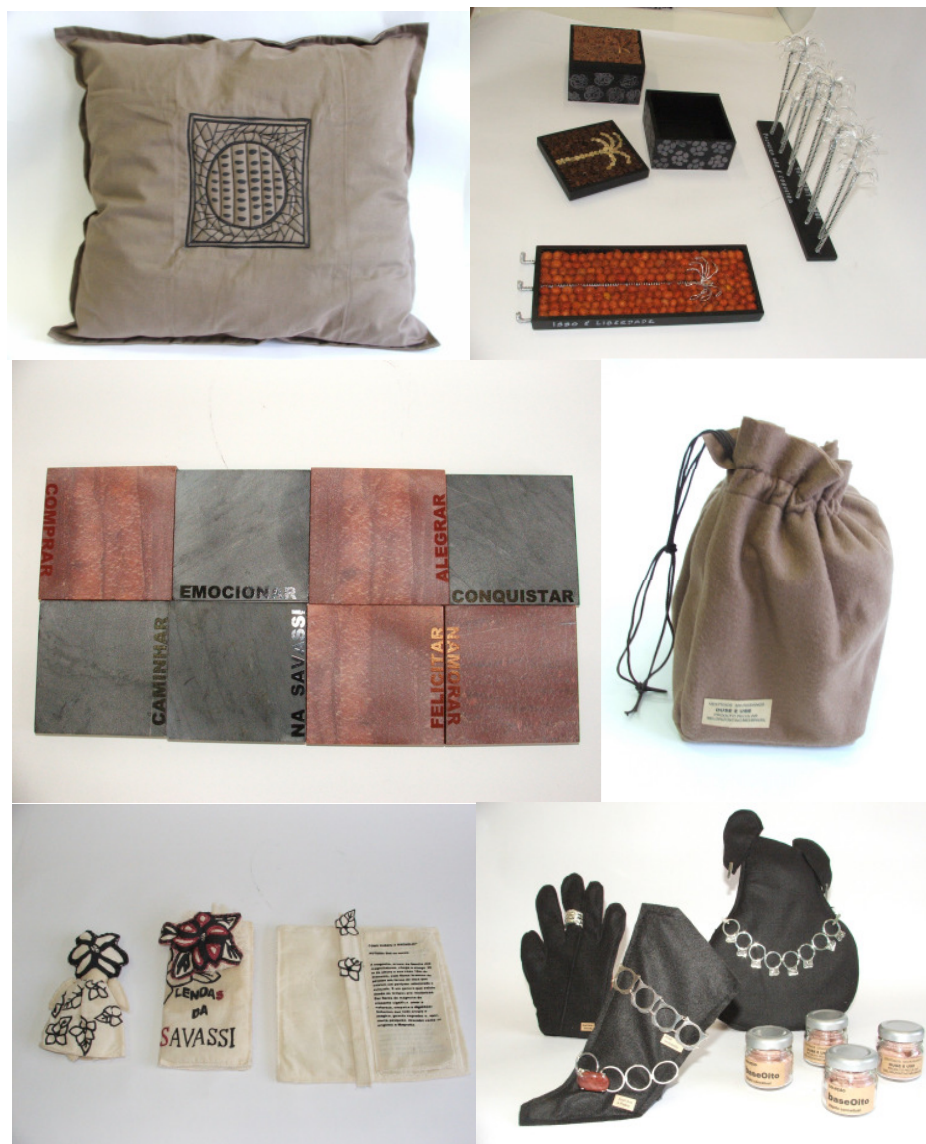


Figura 5: Alguns produtos da coleção Sempre Savassi

Conclusão

Ao construirmos uma metodologia adequada para realização do referido projeto, sentimos necessidade de desenvolver uma pesquisa conceitual mais consistente sobre questões como artesanato e suas relações com a arte e o design. A investigação resultou na criação de um conceito chave, o de Artesanato Urbano, que, por sua vez, norteou todas as etapas do projeto. O texto *Sempre Savassi: design e artesanato urbano*, publicado no catálogo do projeto, foi finalista no Concurso anual realizado pelo Museu da Casa Brasileira e ficou entre os melhores textos sobre design produzidos no Brasil no ano de 2006, o que foi uma surpresa para nós e, ao mesmo tempo, sinalizou que estávamos construindo um caminho fértil para a integração entre ensino, pesquisa e extensão. Como resultado desse trabalho de capacitação também realizamos duas exposições com os produtos desenvolvidos e publicamos um catálogo com todo o processo de trabalho.



Figura 6: Exposição da coleção Sempre Savassi

Em todos os nossos projetos de extensão com caráter social há um envolvimento intenso dos alunos para que se possa propiciar um maior contato do corpo discente com realidades distantes das que eles vivenciam cotidianamente. Para a comunidade acadêmica é sempre importante reafirmar a responsabilidade social da Universidade, ampliando o leque de atuações diretas em comunidades para que possamos experimentar empiricamente discussões teóricas a partir de atividades interdisciplinares no campo do artesanato e do design atuando de forma integrada e interdisciplinar com diversos cursos da instituição como os cursos de Psicologia, Administração, Direito, Contabilidade, dentre outros.

Gostaríamos de ressaltar que em cada projeto de extensão que realizamos reafirmamos o papel fundamental da universidade contemporânea em servir como pólo gerador de conhecimento integrado que possa solidificar trabalhos de responsabilidade social e, ao mesmo tempo, compartilhar este conhecimento com a sociedade e a comunidade acadêmica como um todo, envolvendo diferentes cursos, setores, alunos e funcionários num efeito multiplicador. É de extrema importância para a academia hoje, o estabelecimento de políticas de pesquisa e extensão, articuladas com o ensino, que envolvam projetos sociais, principalmente aqueles que objetivam a inclusão social produtiva e relacionando diretamente a realidade cotidiana da nossa sociedade à nossa produção intelectual.

Referências

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.

FARIAS, Agnaldo. **In Boletim nº18 da Associação dos Designers Gráficos – Brasil**. São Paulo: ADG, 1999.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital. Ensaio de biopolítica.** Ed. Iluminuras: São Paulo. 2003.